

DOMINGO DE RAMOS

29 DE MARÇO DE 2026

MATEUS 21.1-11

1 ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL

Ao narrar a entrada de Jesus em Jerusalém, Mateus registra que “toda a cidade se alvoroçou e perguntava: ‘Quem é este?’” (Mt 21.10). A pergunta expressa mais do que simples curiosidade. Ela revela a perplexidade diante da identidade daquele que chega à cidade santa cercado por aclamações messiânicas. As multidões o recebem com entusiasmo, mas a compreensão de quem ele realmente é permanece incompleta.

As leituras do Domingo de Ramos ajudam a responder essa pergunta. Cada uma delas revela um aspecto da identidade do Messias que entra em Jerusalém. Juntas, elas mostram que o rei prometido não corresponde plenamente às expectativas humanas de poder e triunfo. Ele se manifesta antes como o Servo obediente que cumpre a vontade de Deus por meio da humildade e do sofrimento.

1.1 Salmo 118.19–29

O Salmo 118 faz parte do chamado *Hallel*, conjunto de salmos tradicionalmente entoados nas festas de peregrinação em Israel. O salmista celebra a fidelidade salvadora do Senhor e conclama o povo a reconhecer que a libertação vem exclusivamente de Deus. Nesse contexto aparece a aclamação: “Bendito o que vem em nome do SENHOR” (Sl 118.26, NAA).

Originalmente, essa expressão fazia parte da liturgia do templo e saudava aqueles que se aproximavam para adorar ao Senhor. No entanto, à luz do Evangelho, essas palavras ganham um significado messiânico mais profundo. Ao aplicá-las a

Jesus durante sua entrada em Jerusalém, as multidões reconhecem nele aquele que vem como enviado de Deus para trazer salvação. O salmo, portanto, estabelece a expectativa messiânica que paira sobre o episódio narrado por Mateus.

1.2 Isaías 50.4–9a

Enquanto o Salmo celebra aquele que vem em nome do Senhor, o profeta Isaías revela a natureza surpreendente da missão desse enviado. No chamado terceiro cântico do Servo do Senhor, o mensageiro de Deus descreve sua fidelidade absoluta à palavra recebida: “O Senhor Deus me deu uma língua erudita, para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado” (Is 50.4, NAA).

Ao mesmo tempo, o texto deixa claro que essa fidelidade conduz ao sofrimento. O Servo afirma que não resistiu à vontade de Deus nem recuou diante da violência: “Ofereci as costas aos que me batiam e o rosto aos que me arrancavam a barba; não escondi o rosto dos que me afrontavam e cuspiam em mim” (Is 50.6, NAA). Diferentemente das expectativas humanas acerca de um libertador poderoso, o Servo cumpre sua missão por meio da obediência e da disposição de sofrer. Ainda assim, ele permanece firme na confiança de que o Senhor o vindicará.

1.3 Filipenses 2.5–11

A epístola aprofunda essa mesma dinâmica ao apresentar o movimento de humilhação e exaltação de Cristo. O apóstolo Paulo exorta os cristãos a terem “o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus” (Fp 2.5) e então apresenta o conhecido hino cristológico. Nele, se afirma que Cristo, “existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo” (Fp 2.6, NAA). Em vez de explorar o poder de sua divindade, ele voluntariamente assume a condição de servo.

Esse caminho conduz à expressão máxima da humilhação: “ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2.8, NAA). Contudo, a

humilhação não constitui o fim da história. Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu “o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.9, NAA), para que toda a criação reconheça sua autoridade. Assim, a identidade de Jesus se revela plenamente naquele que se humilha até a cruz e é exaltado como Senhor de todos.

1.4 Mateus 21.1–11

O Evangelho apresenta a entrada de Jesus em Jerusalém como o cumprimento dessas promessas. O próprio Jesus organiza cuidadosamente os acontecimentos que conduzem à sua chegada à cidade santa. Ao enviar os discípulos para buscar o jumento e seu jumentinho, ele demonstra que não é arrastado pelas circunstâncias, mas conduz deliberadamente o caminho que levará à sua paixão.

A multidão o recebe com aclamações tiradas do Salmo 118: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mt 21.9, NAA). Contudo, a reação da cidade revela que sua identidade ainda não é plenamente compreendida. Quando Jerusalém pergunta: “Quem é este?”, a resposta das multidões permanece parcial: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia” (Mt 21.11, NAA). O Messias é reconhecido, mas ainda não totalmente compreendido.

1.5 Síntese temática

As leituras do Domingo de Ramos convergem para responder à pergunta levantada pela própria narrativa do Evangelho: **Quem é este?**

Ele é aquele que vem em nome do Senhor, conforme anunciado pelo salmista. É o Servo obediente que não recua diante do sofrimento, conforme descrito por Isaías. É o Filho que se humilha voluntariamente e é exaltado por Deus, conforme proclamado pelo apóstolo Paulo. E é o Rei prometido que entra em Jerusalém em humildade para cumprir sua missão redentora.

A pergunta de Jerusalém continua ecoando ao longo da Semana Santa. À medida que os acontecimentos se desenrolam — da entrada triunfal à cruz e à ressurreição — a identidade de Jesus se torna cada vez mais clara. Aquele que entra na cidade montado em um jumento é o Rei que reina por meio do serviço, o Servo que sofre pela salvação do mundo e o Senhor exaltado diante de quem todo joelho se dobrará.

2 APROFUNDAMENTO EXEGÉTICO E HOMILÉTICO (MATEUS 21.1–11)

2.1 Contexto literário

A entrada de Jesus em Jerusalém constitui um momento decisivo no Evangelho de Mateus. Após o ministério na Galileia e a longa jornada rumo à cidade santa, Jesus chega finalmente a Jerusalém, centro religioso e simbólico da vida de Israel. A partir desse ponto, a narrativa do evangelho concentra-se nos acontecimentos que conduzirão à sua paixão, morte e ressurreição.

Esse contexto ajuda a compreender o significado da cena narrada em Mateus 21.1–11. A entrada em Jerusalém não é apenas uma recepção festiva ou um episódio isolado de entusiasmo popular. Trata-se do início da semana em que o Messias cumprirá plenamente sua missão redentora. Aquele que entra na cidade santa como rei é também aquele que, poucos dias depois, será rejeitado e crucificado.

Ao mesmo tempo, o episódio levanta a pergunta que se torna central para a interpretação do texto: “Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou e perguntava: ‘Quem é este?’” (Mt 21.10, NAA). A narrativa inteira pode ser lida como uma resposta progressiva a essa pergunta.

2.2 A preparação da entrada (21.1–7)

O relato começa com a aproximação de Jesus a Jerusalém, chegando a Betfagé, no Monte das Oliveiras. A partir daí, Mateus descreve como Jesus envia dois discípulos com instruções específicas para buscar uma jumenta e o seu jumentinho. A precisão dessas instruções sugere que Jesus conduz deliberadamente os acontecimentos.

Esse detalhe é teologicamente significativo. Ao longo do Evangelho de Mateus, Jesus anuncia repetidas vezes que deverá sofrer e morrer em Jerusalém (cf. Mt 16.21; 17.22–23; 20.18–19). A entrada na cidade, portanto, não representa uma surpresa ou um evento inesperado. O Messias não é arrastado pelas circunstâncias que conduzirão à sua morte; ele caminha conscientemente em direção a ela.

Mateus interpreta essa ação como cumprimento das Escrituras. O evangelista cita Zacarias 9.9 ao afirmar: “Digam à filha de Sião: Eis que o seu Rei vem até você, humilde, montado em jumenta, e num jumentinho, cria de animal de carga” (Mt 21.5, NAA). O texto profético descreve um rei cuja identidade se distingue das expectativas comuns de poder e conquista. Em vez de um governante militar montado em cavalo de guerra, o Messias chega em humildade.

O termo grego utilizado por Mateus para descrever o caráter do rei é **πραῦς** (*praus*), geralmente traduzido por “manso” ou “humilde”. O mesmo termo aparece em Mateus 11.29, quando o próprio Jesus afirma: “sou manso e humilde de coração”. Assim, a entrada em Jerusalém revela não apenas o cumprimento de uma profecia, mas também o próprio caráter do Messias.

2.3 A aclamação das multidões (21.8–9)

À medida que Jesus avança em direção à cidade, a narrativa descreve a reação entusiástica das multidões. Muitos estendem seus mantos pelo caminho, enquanto outros cortam ramos de árvores e os espalham diante dele. Esses gestos lembram cerimônias de recepção real e indicam reconhecimento da dignidade messiânica de Jesus.

As aclamações da multidão reforçam esse caráter messiânico: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!”

(Mt 21.9, NAA). O título “Filho de Davi” identifica Jesus como herdeiro das promessas feitas à casa real de Israel. Ao mesmo tempo, a expressão “Bendito o que vem em nome do Senhor” remete diretamente ao Salmo 118, tradicionalmente associado à liturgia festiva no templo.

A palavra “Hosana” deriva de uma expressão hebraica que originalmente significava “salva-nos agora”. No contexto litúrgico judaico, o termo passou a ser usado tanto como clamor por salvação quanto como aclamação de louvor. Assim, a multidão reconhece em Jesus aquele que vem trazer a salvação prometida por Deus.

2.4 A reação de Jerusalém (21.10–11)

Apesar do entusiasmo das multidões, a reação da cidade revela que a identidade de Jesus ainda não é plenamente compreendida. Mateus afirma que “toda a cidade se alvoroçou” (Mt 21.10, NAA). O verbo grego utilizado aqui é **ἐσεισθη**, derivado de **σειώ**, que significa “sacudir” ou “abalar”. O termo sugere uma forte agitação ou comoção coletiva.

A pergunta que surge em meio a essa agitação é simples e profunda: “Quem é este?” (Mt 21.10, NAA). A resposta oferecida pelas multidões, embora positiva, permanece incompleta: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia” (Mt 21.11, NAA).

Chamar Jesus de profeta não é incorreto. Ao longo do Evangelho, ele de fato exerce um ministério profético. Contudo, essa identificação não esgota sua verdadeira identidade. O leitor do evangelho já sabe que Jesus é mais do que um profeta: ele é o Filho de Deus e o Messias prometido.

Essa tensão narrativa é característica do Evangelho de Mateus. Diferentes personagens reconhecem aspectos da identidade de Jesus, mas muitas vezes de maneira parcial. A entrada em Jerusalém ilustra essa mesma dinâmica: o Messias é aclamado com palavras corretas, mas ainda não plenamente compreendido.

2.5 A menção dos dois animais

Um detalhe característico do relato de Mateus é a menção de dois animais: a jumenta e o jumentinho (Mt 21.2,7). Em comparação com os outros Evangelhos, que mencionam apenas o jumentinho, esse aspecto chama a atenção do leitor. Como observa Jeffrey Gibbs, essa diferença provavelmente se relaciona com a maneira como Mateus cita a profecia de Zacarias. O texto profético apresenta um paralelismo poético típico da poesia hebraica: “montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga” (Zc 9.9). Ao narrar a entrada de Jesus, Mateus menciona ambos os animais de forma explícita, possivelmente para enfatizar que os acontecimentos correspondem plenamente à palavra profética.

2.6 Significado teológico da entrada em Jerusalém

Quando o episódio é lido à luz do restante do Evangelho e das demais leituras do dia, torna-se claro que a entrada em Jerusalém aponta diretamente para o caminho da cruz. O Rei que vem em nome do Senhor não entra na cidade para assumir um trono político, mas para cumprir sua missão redentora.

Esse movimento corresponde ao padrão já anunciado nas Escrituras. O Servo descrito em Isaías não recua diante do sofrimento, mas permanece fiel à vontade de Deus. Da mesma forma, o hino cristológico de Filipenses descreve o caminho de Cristo como um movimento de humilhação voluntária que culmina na morte de cruz e na posterior exaltação.

Assim, a entrada de Jesus em Jerusalém deve ser compreendida como o início consciente da semana da paixão. O Messias entra na cidade santa como rei, mas sua realeza se manifesta de maneira paradoxal: ele reina servindo, vence entregando-se e salva por meio do sacrifício.

3 O QUE EU PREGARIA? IDEIAS E ILUSTRAÇÕES

A pergunta que ecoa em Mateus 21 pode servir como eixo central para a pregação do Domingo de Ramos: **“Quem é este?”** (Mt 21.10, NAA). Essa pergunta nasce da reação da cidade diante da chegada de Jesus. Enquanto as multidões o recebem com aclamações messiânicas, Jerusalém se agita e procura compreender a identidade daquele que entra na cidade.

Do ponto de vista homilético, essa pergunta oferece uma oportunidade natural para conduzir a congregação à contemplação da identidade de Cristo. O sermão pode ser estruturado como uma resposta progressiva a essa pergunta, à medida que as Escrituras revelam quem é o rei que entra em Jerusalém.

3.1 O rei que o mundo espera

As aclamações das multidões indicam que havia fortes expectativas messiânicas em torno de Jesus. Ao clamarem “Hosana ao Filho de Davi!” (Mt 21.9, NAA), elas expressam a esperança de que finalmente havia chegado o descendente prometido de Davi, aquele que restauraria a glória de Israel.

No entanto, muitas dessas expectativas estavam moldadas por categorias humanas de poder e triunfo. Esperava-se um libertador político, um líder capaz de derrotar inimigos e restaurar a soberania nacional. Ao longo da história, essa tendência de projetar expectativas humanas sobre o Messias tem sido recorrente. Também hoje as pessoas podem desejar um Cristo que confirme seus próprios projetos ou resolva seus problemas imediatos.

A pergunta “Quem é este?” revela precisamente esse momento de confronto entre expectativa humana e revelação divina.

3.2 O rei que as Escrituras revelam

A entrada de Jesus em Jerusalém mostra que a identidade do Messias deve ser compreendida à luz das Escrituras. Mateus destaca que os acontecimentos cumprem a palavra do profeta: “Eis que o seu Rei vem até você, humilde, montado em jumenta” (Mt 21.5, NAA).

Essa descrição contrasta fortemente com as imagens tradicionais de poder real. Em vez de cavalos de guerra e demonstrações de força, o rei prometido vem em humildade. Essa mesma dinâmica já havia sido anunciada nos cânticos do Servo do Senhor em Isaías. O Servo não se impõe pela violência, mas permanece fiel à palavra de Deus mesmo diante do sofrimento: “Ofereci as costas aos que me batiam e o rosto aos que me arrancavam a barba; não escondi o rosto dos que me afrontavam e cuspiam em mim” (Is 50.6, NAA).

Assim, as Escrituras revelam um Messias cuja missão se cumpre no caminho da obediência e da humildade.

3.3 O rei que caminha para a cruz

A narrativa de Mateus também sugere que Jesus entra em Jerusalém de forma deliberada. Ele próprio organiza os acontecimentos que conduzem à sua chegada à cidade santa, enviando discípulos para buscar o jumento e descrevendo antecipadamente o que acontecerá. Esse detalhe indica que o Messias não é surpreendido pelos acontecimentos que levarão à sua morte.

A entrada em Jerusalém marca, portanto, o início consciente da semana da paixão. O rei prometido vem para cumprir sua missão redentora por meio da cruz. O hino cristológico em Filipenses descreve esse movimento de maneira clara: “ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2.8, NAA).

Nesse sentido, o Domingo de Ramos já aponta para a Sexta-feira Santa. O caminho do rei passa pelo sofrimento e pelo sacrifício.

3.4 O rei que Deus exaltou

Contudo, a cruz não constitui o fim da história. O mesmo texto de Filipenses afirma que, após a humilhação, Deus exaltou Cristo e lhe deu o nome que está acima de todo nome. Aquele que entra em Jerusalém em humildade é também aquele que será reconhecido como Senhor por toda a criação.

Assim, a identidade de Jesus se revela plenamente no movimento que vai da humilhação à exaltação. O rei humilde que entra na cidade montado em um jumento é o mesmo Senhor diante de quem todo joelho se dobrará.

4 APLICAÇÃO HOMILÉTICA

A pergunta “Quem é este?” continua sendo relevante para a igreja hoje. A identidade de Jesus não pode ser reduzida às expectativas humanas ou às categorias culturais de cada época. O Evangelho apresenta um rei cuja missão se cumpre de maneira paradoxal: ele reina servindo, vence entregando-se e salva por meio do sacrifício.

Reconhecer quem é Jesus significa aprender a ver o poder de Deus manifestado na humildade da cruz. O rei que entra em Jerusalém não corresponde aos modelos humanos de grandeza, mas revela o coração do próprio Deus. Ele é o Servo obediente que sofre pela salvação do mundo e o Senhor exaltado que reina para sempre.

Assim, ao ouvir novamente a pergunta levantada pela cidade de Jerusalém, a igreja é convidada a responder com a fé confessante: aquele que entra em Jerusalém é o Rei prometido, o Servo que sofre por nós e o Senhor exaltado diante de quem toda a criação se inclinará.

Pr. Filipe Schneider

Nova Odessa-SP